

A EDIFICAÇÃO MODÉLICA DO PROFESSOR CIDADÃO: A IMPRENSA (IN)FORMANDO UM DISCURSO SOBRE *SER DOCENTE*

Maria Helena Camara Bastos*

SÍNTESE – Este texto reflete sobre alguns resultados da pesquisa – *Imprensa Periódica e Pedagógica do Rio Grande do Sul: análise de discursos e práticas educativas*. Enfoca a imprensa como dispositivo de orientação – *intelectual e moral* – do magistério, ou seja, de formação contínua de professores como *autênticos* cidadãos trabalhadores. Analisa a produção de uma retórica laudatória de idealização da docência, que não se traduz numa melhora da situação socioeconômica dos professores.
PALAVRAS-CHAVE – imprensa pedagógica, formação de professores, representação docente.

ABSTRACT – This text reflects about some results of the research – *Periodical and Pedagogic Press in Rio Grande do Sul: Discourse analysis and education practices*. It focuses on press as a way of teaching orientation – *intellectual and moral* – teachers continuous formation as *authentic* worker citizens. It analyses the production of a laudatory discourse of teaching idealization, that is not translated in teacher's better social – economical situation.
KEY WORDS – pedagogic press, teacher's formation, teacher's representation.

Um dos dispositivos privilegiados para forjar o sujeito/cidadão é a imprensa, portadora e produtora de significações. A partir da necessidade de informar sobre fatos, opiniões, acontecimentos, a imprensa procura engendrar uma mentalidade¹ – *uma certa maneira de ver* – no seu destinatário, constituindo um público-leitor. Imbert, considera

* Doutora em História e Filosofia da Educação. Professora do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo (UPF) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Linha de Pesquisa: *educação brasileira e cultura escolar*. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Ministério da Ciência e Tecnologia) – (CNPq).

¹ Le Goff destaca que “dentre as fontes privilegiadas da história das mentalidades, a imprensa ocupa um lugar de destaque. Nela o pensamento coletivo e as tendências de uma época mais claramente se manifestam e se elaboram”. In: SCHAEFFER, M. L. G. P. *The spectator: o Teatro das luzes, diálogo e imprensa no século XVIII*. São Paulo: FEUSP, 1986. p. 7.

“a imprensa como um lugar estratégico de constituição do discurso; através dela é o social todo, inteiro, que fala, sendo o ponto de convergência de uma multiplicidade de falas. Dentro da esquematização do real, trabalho eminentemente formal, o discurso jornalístico informa sobre o mundo e sobre a maneira como se pode percebê-lo: informa e coloca em forma o real, introduz uma ordem no real, construindo o acontecimento, ao mesmo tempo, como produto do real ou, pelo menos, o reconstrói através dos efeitos do real.”²

Pela prescrição de valores, normas e padrões de comportamento, a imprensa gera práticas concretas submetendo o leitor, sua consciência e conduta, ao mesmo tempo que controla o seu acesso ao conhecimento³. Nesta função, reside o seu papel ideológico, pela veiculação de imagens, estereótipos, mitos e modelos, e porque constrói representações do social⁴, difundindo *visões de mundo*. Como espelho do social e comércio da informação, permite ao pesquisador o contato com os modismos, com o curioso, o efêmero veiculado, ampliando a gama de análises da matéria jornalística.

Assim, a imprensa também é um instrumento privilegiado de pesquisa para a construção do conhecimento em História da Educação.⁵ A imprensa pedagógica – jornais, boletins, revistas, magazines – feita por professores para professores, feita para alunos por seus pares ou professores, feita pelo Estado ou por outras instituições – sindicatos, partidos políticos, associações de classe, Igreja – contém e oferece muitas perspectivas para a compreensão da História da Educação e do Ensino. Sua análise possibilita avaliar a política das organizações, as preocupações sociais, os antagonismos e filiações ideológicas, as práticas educativas.

O estudo do lugar da imprensa periódica da educação e do ensino no discurso social e das estratégias editoriais face aos fenômenos educacionais e sociais revela-se rico de informações ao pesquisador para o resgate do discurso pedagógico, das práticas educativas, do cotidiano escolar, do grau de submissão dos professores aos programas e instruções oficiais, da ideologia oficial e do corpo docente, da força de inovação e de continuidade que representa, das contradições do discurso.

Nessa perspectiva, Caspard⁶ considera que a imprensa pedagógica

“constitui um meio indispensável para o conhecimento do que é o sistema de ensino, o que ele representa, por exemplo, no espaço onde se desenvolve e onde se localizam todos os sistemas, teorias e práticas educacionais, de origem tanto oficial quanto privada. [...] Entre

² IMBERT, Gerard. *Stratégies discursives et nom-dit dans le discours de la presse: a propos de El Pais. Mélanges de la Casa de Velasquez*. Paris, XVII-1, 1982, p. 362.

³ A imprensa “cria e recria consensos que a cada repetição necessitam de menos explicações. São verdades, verdades de um espaço inquestionável, páginas e páginas escritas com um poder talvez igualável ao de um xamã”. SCHWARCZ, Lilia M. *Retrato em branco e negro. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Cia. das Letras, 1987. p.248.

⁴ “O conceito de representação social é resultado das relações históricas e sociais que a produziram, em determinado espaço de tempo. A representação é uma maneira do sujeito fabricar um objeto psicológico e cultural significativo. O conteúdo, a forma e o processo de construção da representação social possibilitam caracterizá-la como produto cultural, resultado organizado de informações, julgamentos, atitudes de seu sujeito. Produtos culturais, as representações sociais são determinadas socialmente, duplamente pelo seu conteúdo e forma”. DESCAMPS, Annie. *L’image des enseignants dans le journal Le Monde*. Paris: Université Paris V, 1983, p. 6-7. (A tradução é nossa)

⁵ Ver CATANI, D., BASTOS, M. H. C (org.) *Educação em revista: imprensa periódica e história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997.

⁶ CASPARD-KARYDIS, P. et al. *La presse d’éducation et d’enseignement, XVIII siècle–1940*. Paris: INRP/Cnrs, 1981. t. 1, p. 8.

as normas impostas pelo poder central e a prática cotidiana, em nível de classe, a leitura da imprensa pedagógica permite discernir o que se passa ou não, do centro até a periferia (ou do alto até embaixo), revelando, assim, as reticências ou os boicotes que opõem à instituição escolar as diretrizes que recebe. Inversamente, essa imprensa revela a força de inovação e de proposição que pode receber do sistema”.

Ognier também refere-se à imprensa pedagógica como um *corpus* documental de vastas dimensões, constituindo um testemunho vivo dos métodos e concepções pedagógicas de uma época e da ideologia moral, política e social de um grupo profissional [...] sendo, assim, um excelente *observatório*, uma *fotografia* da ideologia que preside.⁷

Nesta perspectiva, tenho privilegiado como fonte de pesquisa a imprensa de educação e ensino. O projeto de pesquisa *A Imprensa Periódica Pedagógica do Rio Grande do Sul: análise de discursos e práticas educativas*,⁸ busca resgatar a trajetória dos principais periódicos de educação e ensino do Estado, editados a partir de 1945: da produção ao consumo. Assim, dá continuidade ao estudo do periódico *Revista do Ensino (1951-1992)*,⁹ analisa a *Revista Educação e Realidade (1976-1995)*,¹⁰ analisa a representação da organização sindical do magistério rio-grandense na imprensa periódica: *Correio do Povo* e *Zero Hora (1945-1995)*;¹¹ e estuda a imprensa produzida pelo CPERS/Sindicato (1945-1995).¹²

⁷ OGNIER, P. “L’idéologie des fondateurs et des administrateurs de L’École Républicaine à travers de la “Revue Pédagogique”, de 1878 a 1900”. *Revue Française de Pédagogie*, Paris, n. 66, p. 7-14, jan./fév./mars 1984, p. 9.

⁸ BASTOS, M. H. C. (coord.) *A imprensa periódica pedagógica do Rio Grande do Sul: análise de discursos e práticas educativas*. Projeto de pesquisa (1995-1997). Porto Alegre: Faced/UFRGS, 1995. 49 p.

⁹ BASTOS, M. H. C. *O novo e o nacional em Revista: a Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942)*. São Paulo: FEUSP, 1994. Tese de Doutorado; BASTOS, M. H. C. “As revistas pedagógicas e a atualização do professor: A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1951-1992)”. In: CATTANI, D., BASTOS, M. H. C. (org.). *Educação em revista. A imprensa periódica e a história da educação*. São Paulo: Escrituras, 1997, p. 47-76; BASTOS, M. H. C., COLLA, A. L. “Retratando mestres: a idealização do professor na representação da docência”. In: GONDRA, J. (org.) *Pesquisa histórica: retratos da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995. p. 91-98; SILVEIRA, D., BASTOS, M. H. C. *A Revista do Ensino/RS e a formação contínua de professores: prescrições e orientações pedagógicas (1951-1978)*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS-FAPERGS, 1996; GOMES, Miriam, BASTOS, M. H. C. *A Revista do Ensino/RS: a idealização do professor na representação da docência (1951-1978)*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS-FAPERGS, 1997; MEURER, Paula, BASTOS, M. H. C. *Os fundamentos da Educação na Revista do Ensino/RS (1951-1978)*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS-FAPERGS, 1997.

¹⁰ BASTOS, M. H. C., MENEZES, Mirella. *A retórica acadêmica: um estudo sobre a Revista Educação & Realidade da Faculdade de Educação/UFRGS (1976-1995)*. Estudo preliminar. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 1995, (mimeo, 26 p.); MENEZES, M., BASTOS, M. H. C. *A Psicologia da Educação na Revista Educação & Realidade da Faced/UFRGS (1976-1995)*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 1995.

¹¹ DUQUE, Luis G., BASTOS, M. H. C. *1979 e o magistério gaúcho: do sacerdócio à profissão*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS, 1995; MENEZES, Raul, BASTOS, M. H. C. *Considerações sobre a construção do imaginário do CPERS/Sindicato na imprensa periódica no RS, nos anos 90*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS-BIC/CNPq, 1996. O estudo da representação da organização e do movimento sindical do magistério rio-grandense na imprensa periódica – *Correio do Povo* e *Zero Hora* – foi realizado a partir do material arquivado no CPERS/Sindicato, no Serviço de Taxação, encarregado da coleta e armazenamento de todas as notícias veiculadas diariamente que fazem referência à entidade.

O estudo dessa produção possibilita “entrevier os processos discursivos que atuam na perpetuação e cristalização de determinados sentidos em detrimento a outros”, as representações da vida escolar veiculadas e os projetos de intervenção educacional nela articulados. Nesta perspectiva, constitui-se num significativo dispositivo de educação continuada do professor, de orientação e direção – intelectual e moral, e de conformação de suas práticas sociais e escolares, construindo um perfil do sujeito educador e/ou do professor ideal/idealizado pela sociedade.

Dessa forma, é um dispositivo privilegiado para a reflexão sobre o modo de produção do discurso sobre *ser docente*. Os professores pensam o mundo da maneira que falam sobre ele, testemunhando o universo de *crenças* que permeiam seu cotidiano, através de relações metafóricas com a conjuntura social e histórica. Para Hameline, o discurso pedagógico é o mais metafórico, o que leva perpetuação de uma tradição (conservação) e uma lógica de moralização histórica – a idéia da *boa consciência pedagógica*.¹³ A preocupação combinada de selecionar os professores e de (in)formá-los segundo um certo modelo de *bom professor* vem se constituindo historicamente e convergindo para o delineamento da representação da docência.

A análise da *história das representações inscritas nos textos ou produzidas pelos indivíduos*,¹⁴ permite melhor compreender como se estabelecem e circulam os discursos de formação da identidade do professor. Isto é, a *historicidade do processo discursivo*¹⁵ que idealiza a figura do professor na representação da docência.

Para Chartier a

“construção das identidades sociais resultam sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma”.

Nesta perspectiva, “a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, um instrumento que produz uma exigência interiorizada”.¹⁶

A análise dessa produção discursiva – imprensa da educação e do ensino – busca desvelar as relações que interligam o discurso pedagógico e o discurso ideológico. O professor de que nos fala não reflete ou explica o professor que realmente existiu ou existe: não são necessariamente figuras coincidentes. A imagem perpassada pelo discurso não espelha a realidade, mas assume a função de espelho no qual o professor deve buscar sua imagem. O discurso não representa o real,

¹² PARMEGGIANI, Simoni, BASTOS, M. H. C. *A Imprensa do CPERS/Sindicato: uma leitura do pensamento político-pedagógico rio-grandense (1966-1975)*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS-FAPERS, 1995; SANTINI, Lenise. *A imprensa do CPERS/Sindicato: uma leitura do pensamento político-pedagógico rio-grandense (1975-1995)*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS-BIC/CNPQ-FAPERS, 1997; SANTINI, Lenise. *Charge: editorial em desenho*. Análise das charges publicadas no jornal *Magister-CPERS/Sindicato*. Relatório parcial de pesquisa. Porto Alegre: Faced/UFRGS-PROPES/CNPQ, 1996. BASTOS, M. H. C. *Espelho de Papel: a imprensa periódica educacional e a história da educação*. Uberlândia, XI Encontro Regional da ANPUH/MG, 1998.

¹³ HAMELINE, Daniel. *L'éducation, ses images et son propos*. Paris: Ed. ESF, 1996, p. 197.

¹⁴ CHARTIER, Roger. “O mundo como representação”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 11, n. 15, p. 179, 1991.

¹⁵ ORLANDI, Eni (org.) *Discurso fundador*. Campinas: Pontes, 1993, p. 23.

¹⁶ Chartier, *op. cit.*, p. 183.

mas cria uma idéia do real. Há coisas que não são ditas, mas fazem parte das práticas sociais – discursivas ou não discursivas, que recortam e configuram o sujeito. Assim, a imagem social do professor é um compromisso – ou o resultado de um conflito – entre a tradição e a situação presente.¹⁷ Ou seja, as atitudes e representações forjadas no passado interferem na definição e redefinição da profissão docente e de sua conscientização de classe e de cidadania.

Um discurso recorrente na imprensa sobre *ser docente* é um *dever ser*, ou seja, admite exclusivamente uma atitude doadora – que preserva, preocupa-se, assume responsabilidades, negando uma atitude desejante – que pede, reivindica. Nesta perspectiva, predomina o

“exercício da ingenuidade, da idealização, do idealismo dependente e impotente, que procura emascarar os fortes, os desejantes, os capazes. Seria algo aproximado do *falso self*, para designar a personalidade submissa, passiva e dependente, não criativa, presa a um papel social que a obriga a reproduzir um comportamento pré-traçado.”¹⁸

Assim, a modelagem do professor conduz à repressão do sujeito, de modo que para melhor “suportar os sofrimentos que lhes impõe a sua repressão, fazem tudo para transformá-lo num valor e tratam de vendê-lo aos demais, na esperança de que quanto mais reprimido estiver, menos motivos têm para invejar a liberdade”.¹⁹

O professor, enquanto autoridade moral, é investido de dignidade e respeito, imagens às quais deverá se adequar, sob o controle dos seus pares. Temos então o exercício da cidadania – que deveria resultar, ao mesmo tempo, numa atitude reivindicatória e numa ofertante, avessa à alienação e à submissão – restrita à condição da assim chamada alienação política, constituída de desesperança (quando se trata da classe dominada) ou de desinteresse (quando o sujeito é da classe dominante). Assim, o discurso sobre e de *ser docente* resulta, em parte, na reificação do sujeito pela mistificação do conhecimento e pela mitificação daqueles que *conhecem*, produzindo uma *maneira de pensar* generalizável que aliena o sujeito de si e de seus valores próprios, intransferíveis, ao mesmo tempo que a confirma e a legitima pela perpetuação do próprio discurso.²⁰

¹⁷ LÉON, Antoine. *Introdução à história da educação*. Lisboa: Don Quixote, 1983, p. 234.

¹⁸ BOGOMOLETZ, Davi. “Crise da cidadania – paroxismo da individualidade”. *Revista Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 100, p. 31-52, jan./mar. 1991. p. 32.

¹⁹ *Ibidem*, p. 33.

²⁰ Sobre a idealização do professor na representação da docência, ver BASTOS, M. H. C., COLLA, A. L. “Retratando mestres: a idealização do professor na representação da docência”. In: GONDRA, J. (org.) *Pesquisa histórica: retratos da educação no Brasil*. Rio de Janeiro: UERJ, 1995, p. 91-98.